

PEDRA DE LUME

nos anos 1950/1960

Com a ajuda preciosa de :

- Désiré Bonnaffoux (fotos e textos)
- Júlio Rendall
- Francisco, Rita, Emma e Alexandre Bonnaffoux

Carlos W. BONNAFFOUX

Pontos salientes da história da salina da Pedra de Lume

Em 1462 todas as ilhas de Cabo Verde já tinham sido descobertas. A ilha do Sal, pelo seu aspecto, foi chamada LLANA, mais tarde, tendo sido descoberta uma grande salina na cratera dum vulcão extinto, passou a chamar-se ilha do Sal.

Em 1506, Valentim Fernandes, escreveu que nessa salina havia tanta abundância de sal que todos os navios que ali chegassem poderiam carregar a quantidade que quisessem visto que era um produto que na época, com a evaporação, o sal se produzia sem qualquer exploração organizada.

Até nos fins do século XVIII nenhuma exploração da salina da Pedra de Lume é mencionada. Todavia, como o sal se formava espontaneamente é possível e mesmo provável que nos séculos XVII e XVIII os proprietários da ilha da Boa Vista que mantinham na ilha do Sal gado e alguns pastores fizessem transportar, embora trabalhosamente, algum sal para a beira-mar do porto da Pedra de Lume, com o fim de atender algumas vendas em ocasiões em que as salinas da Boa Vista e do Maio estivessem inundadas pelas chuvas. E não devia ser um caso excepcional, como se pode ver na informação prestada ao ministro pelo governador, o sal era provavelmente colhido, depois da evaporação, na lagoa que se formava na cratera do vulcão na ocasião das chuvas. Com efeito as precipitações decresceram do Sal para o norte no arquipélago de Cabo Verde e em regra chove menos na ilha a Boa vista do que na do Maio, e menos no Sal do que na Boa Vista.

Até no ano de 1788, nenhuma notícia concreta se encontra sobre embarques de sal na ilha do Sal. Neste mesmo ano chega no ministério, em Lisboa, a notícia de que navios americanos tinham ido à ilha do Sal carregar sal da lagoa sem qualquer formalidade. “Os estrangeiros desfrutavam à vontade das ilhas de Cabo Verde ainda desertas”.

Manuel António Martins estabelecido na Boa Vista em 1792, visita a Pedra de Lume em 1796 e nos primeiros anos do século XIX resolve explorar a salina atraído pela espessa camada de sal que, depois das chuvas, cobria uns 40 hectares de terreno.

Subir as vertentes da cratera até ao porto da Pedra de Lume, sítio onde era embarcado o sal da salina, para as bestas que faziam o transporte era um esforço desmedido. Para facilitar tão pesado trabalho, Martins resolve mandar abrir um túnel, obra que fica pronta nem 1808 e que lhe custou 30.000 cruzados. Muitos navios iam à Pedra de Lume carregar sal (dados de Barcelos).

Não são conhecidas as quantidades de sal então embarcadas. A ilha do Sal não possuindo alfândega, na época, todo o sal embarcado partia sem quaisquer formalidades. Todavia no interessante trabalho de A. França, sobre a exploração do sal no século XIX na ilha do Sal, aparecem algumas exportações no começo do século XIX que provavelmente tiveram lugar na Pedra de Lume, antes de serem exploradas as salinas em Santa Maria:

Em 1806: 192 moios

Em 1807: 488 moios

Em 1828: 1017 moios (já em Santa Maria?)

E seguem-se assim alguns anos.

Com a exploração das salinas de Santa Maria organizada e próspera até aos fins do século XIX, a da Pedra de Lume fica ao abandono. O túnel atenuou mas não resolveu as dificuldades do transporte do sal para o ponto de embarque, e o porto é difícil para os navios à vela daquele tempo.

Em 1845 Manuel António Martins morre em Santa Maria. As salinas dessa povoação, então em plena prosperidade, foram repartidas entre os seus descendentes e parentes. O seu filho Aniceto António Ferreira Martins, é o novo dono da Pedra de Lume. Notamos que Martins era casado com uma filha de Aniceto António Ferreira, capitão-mor da ilha da Boa vista. Esse Aniceto Júnior, neto portanto do capitão-mor, era casado com a D. Maria da Piedade,

sua sobrinha, e neta de Martins. Fazendo um pouco de genealogia: uma filha de Manuel António Martins, D. Teresa de Jesus era casada com António de Sousa Machado, e foram eles os pais de D. Maria da Piedade esposa de Aniceto Júnior. Proprietários da Pedra de Lume, mandaram construir a capela de Nossa Senhora da Piedade naquela localidade, terminada em 1846 e benzida em 1855.

Nos primeiros anos do século XX (1903?) D. Maria da Piedade, viúva de Aniceto António Ferreira Martins, vendeu a Pedra de Lume, a um proprietário de salinas de Santa Maria e de navios de vela, Augusto Diogo Abrantes, associado a um representante de comércio, Marius Siaut, estabelecido em São Vicente, que fazia viagens ao Senegal no exercício da sua actividade. A breve trecho, devem ter-se apercebido que não dispunham de meios para apetrechar a salina e o porto da Pedra de Lume e Siaut teve contactos em Dakar no sentido de trespassar a sua aquisição. Logo antes de rebentar a guerra de 1914, veio à Pedra de Lume um dirigente (Sr. Castaincau) da firma comercial Peyrissac estabelecida em Dakar e outros centros da costa africana. As tractações interrompidas durante a guerra, foram reatadas depois, e em Bordéus no fim do ano de 1919 sob a égide da firma Peyrissac, a Sociedade Salins du Cap Vert foi constituída para comprar e explorar a salina da Pedra de Lume.

O ano de 1921 é uma data importante para a história da actividade da Pedra de Lume pois, foi instalado o teleférico com o rendimento de 25 toneladas por hora, para transportar o sal da salina até junto ao ponto de embarque.

A actuação da firma Peyrissac na Pedra de Lume não foi coroada de êxito. Durante a sua gestão as exportações nunca atingiram uma cifra remuneradora e a administração da S.C.V, nos anos 1930, acabou por passar para um gabinete de intermediários junto da Bolsa de Paris (gerente Faroux) que desenvolveu grande actividade aproveitando a cessão das exportações das salinas espanholas em consequência da guerra da Espanha começada em

Julho de 1936. Começou-se então a trabalhar febrilmente para pôr em marinhas a maior parte da área da antiga lagoa da cratera da Pedra de Lume que ainda não fora aproveitada, o material foi melhorado, começou-se a construção de 56 alojamentos para os trabalhadores. A tonelagem exportada que nunca atingira as cinco mil toneladas por ano desenvolveu-se espectacularmente. Infelizmente, com o desencadeamento da guerra mundial em Setembro de 1939 os resultados financeiros não tiveram tempo para se afirmarem e a actividade da Pedra de Lume ficou mais uma vez paralisada. O grupo francês Salins du Midi que, havia alguns anos, começara a ter acções da Salins du Cap Vert tomou a administração da sociedade no fim de 1940, porém com reduzida liberdade de acção por se achar em Paris ocupada então pelo exército alemão.

Durante a guerra de 1939-45 a Salins du Cap Vert achou-se privada da assistência habitual da sua sede instalada em Paris desde 1931. A direcção local e o pessoal da Pedra de Lume defenderam-se o melhor que puderam. Felizmente beneficiaram duma muito providencial ajuda com as importantes vendas de sal a granel para Portugal, Terra Nova e Groenlândia, em consequência do ciclone que em 1941 devastou e tornou deficiente por alguns anos a exploração das salinas em Portugal.

Assim vê-se que a prosperidade da indústria do sal em Cabo Verde tem estado dependente das falhas e contratempos de outras salinas. E isto deste há muito: o desenvolvimento das exportações do sal começou quando Filipe I de Portugal e segundo de Espanha, em conflito com os holandeses, proibiu-lhes nos anos 1580 abastecerem-se de sal em Portugal, levando-os a ir buscá-lo em Cabo Verde, na ilha do Maio e nas Antilhas.

Com as exportações a granel desde o fim de 1941 e até 1944 foi, não somente possível normalizar a vida na Pedra de Lume, mas também terminar os novos alojamentos para o pessoal começados em 1938, como também a instalação das marinhas em toda a área da cratera.

Finda a guerra em 1945, em 1946 recomeçaram as exportações, impulsionadas pela Sede da sociedade em Paris, agora livre, apoiada pela Salins du Midi. Foi melhorado o material para o carreto do sal e portuário, assim como as habitações e os locais industriais. Foi instalada uma central eléctrica com potência suficiente para as necessidades da indústria e foi renovada a maquinaria para peneirar e moer do sal. Foi estudada localmente e realizada uma máquina para a colheita do sal, adaptada às condições da salina, com o rendimento de uma tonelada de sal por minuto, que substituiu a colheita manual com picaretas e pás que tanto penalizava os trabalhadores. Iguamente, foram substituídas, por tractores com atrelados enchidos nas marinhas pela máquina de colher sal, as vagonetas que eram enchidas e empurradas a braços de homens sobre linhas de carris móveis também deslocadas pelos trabalhadores.

Um melhoramento de considerável importância foi a construção da doca de abrigo para as embarcações, inaugurada em 1953 pelo governador de Cabo Verde. Até então, nos dias de ventania e de mar grosso as lanchas que levavam o sal para bordo dos vapores ficavam completamente expostas ao mau tempo tanto ao serem carregadas em terra como ao serem descarregadas no costado dos vapores, sofrendo avarias e penalizando sobremaneira e sem descanso as tripulações das ditas embarcações. E nos dias de tempestade rebocadores e lanchas amarradas chegaram a romper as amarras e a irem despedaçar-se nas rochas da costa. Com a construção do abrigo, desapareceu logo mais de metade destes grandes inconvenientes. Foi um grande progresso, alcançado pelo aturado e paciente esforço de todo o pessoal da Pedra de Lume, cada um no seu lugar, com o menor custo e sem a intervenção de empreiteiro algum. E a doca de abrigo ali está, testemunhando que os sócios da firma não eram simples especuladores e que o pessoal da Pedra da Lume estava ali fazendo obra autêntica e não a gozar do bom ar e a praticar dialéctica.

Em todos os melhoramentos acima apontados, de 4.000 toneladas por ano em 1925, a capacidade de produção subiu em

1945 para 35.000 toneladas; a cadência dos embarques era por dia de 300 toneladas de sal ensacado, em 1920 subiu para 1.000 toneladas tanto para o sal ensacado como para o sal a granel que dantes não se conseguia exportar.

A contar do fim de 1940, a sede social da Salins du Cap Vert ao mesmo tempo que era aprovada pela Salins du Midi, passou a ter o seu presidente director-geral privativo, quer dizer sem outras funções executivas noutra sociedade. Foi uma época benéfica para a prosperidade da salina.

Em 1957, G. de Sairigné p.d.g. durante 16 anos, reformou-se, e o seu sucessor A. Mondeil, passou a sede de Paris para Bordéus. O negócio mundial do sal já vinha declinando com a aparição de novos concorrentes, não só em salinas marítimas mas também em salinas por evaporação em caldeiras. Um exemplo: a Holanda tinha sido grande importadora de sal desde mais de meio milénio; durante a guerra de 1939-45 os alemães fizeram ali sondagens para procurar petróleo; não o encontraram mas acharam gás natural e águas fortemente salgadas que depois da guerra foram aproveitadas para fazer sal por evaporação em caldeiras e hoje a fábrica deles de Hegelo produz anualmente mais de um milhão de toneladas de sal!

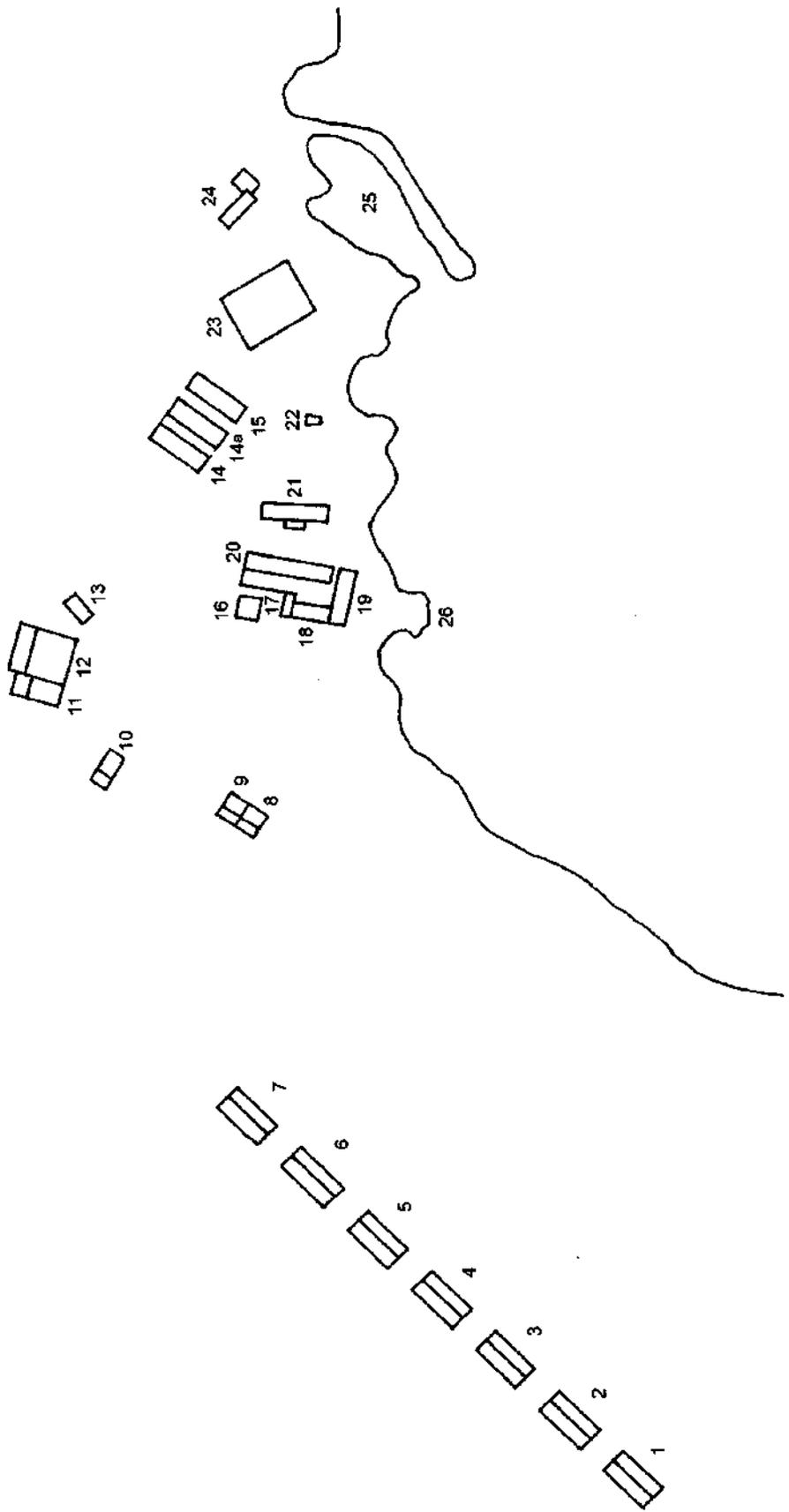
As exportações de sal da Pedra de Lume, como as de Santa Maria, foram declinando com as independências das nações africanas que transformaram a economia dessas novas nações, colocando-a em novas posições em que o sal de Cabo Verde foi perdendo o lugar que tinha nesses mercados. Apesar disso, nos primeiros anos do decénio de 70 a Pedra de Lume conheceu ainda alguma prosperidade que lhe permitiu substituir a sua flotilha de velhas lanchas em madeira de 20 toneladas de porte por lanchas em chapa de aço de 40 toneladas de porte mandadas construir em Lisboa.

Infelizmente, este surto de prosperidade foi de pouca dura.

A sede da sociedade tinha regressado a Paris no ano de 1969. Com a falta de venda do sal os rendimentos já nem davam para ter senão um p.d.g. "importado" a uma firma maior. A sociedade foi-se arrastando, lutando por seus próprios meios sem apoio oficial. A estagnação só para "aguentar" não foi compreendida por grande parte dos trabalhadores que se impacientaram precipitando a paralisação da salina nos anos 1988 e o despedimento da maioria do pessoal depois de alguns anos em que as vendas nem davam para cobrir as despesas correntes.

Depois de paralisadas as salinas da Boa Vista, do Maio e de Santa Maria, foi a vez da Pedra de Lume. Extinguiu-se assim a fabricação do sal em Cabo Verde, única indústria de extracção de um produto natural inesgotável que, embora pobre e num mercado internacional semeado de altos e baixos através dos tempos, vinha trazendo ao povo e à economia de Cabo Verde uma achega nada de ser desprezada.

Désiré Bonnaffoux



1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7

CASAS NOVAS

Cá Farú



Lote 1

Família

	Francisca (Nha Chica Tchuca)	Frederico	Rita

Família

Porfirio	Maria	Clarice	Benvinda
Renato			

Família

Clemente	Rosa	Maria	Luiza
Aureliano	Aureliana	Alexandre	Elsi

Família

Maria Sabina (Mã Xabina)	 Firme	Paula	Atilio
-----------------------------	--	-------	--------

Família

Mané Rosario	Mana	Silvestre	Lucialina
Rei			

Família

Antonio Luis	Rita	Luiza	Ana
Rosa	Fatima	Manuel	

Familia

Napoleão	Rita (de nha Chica Tchuca)	Guilherme	João
Margarida	Maria de Lourdes	Laura	Mario
Manuel	Francisco	Antonia	

Lote 2

Família

Afonso (Fonche)	Maria Chiquinha	 Rofino	 Adriano (Badjano)
Bituça	Bia de Fonche		

Família

Pedro Caterina	Ana Bia	Rosa	Antonio
----------------	---------	------	---------

Família

Néné	Maria Clementina	Maria Madalena	Elizabete
Albertino	Américo	Clementina	Daniel
Noel			

Família

	Constância	Rita	Maria Laura
Valdemiro	Margarida	Manuel	Pépé

Família

	Rosa	Iido	José
Piduca	Djila		

Família

Elias		Constância	Ida
-------	--	------------	-----

Família

	Nha Dade	 Rita	Higino
Maria			

Lote 3

Família Monteiro

 Firme	Maria	Maria	Albertino
Manuel	Sabina	Graciete	Rita

Família Rodrigues

José	Antonia Luiza	Irene	Luiza
Antonio	Lucas		

Família

Nha Mari Tuda	 Lia	Francelina	
---------------	--	------------	--

Família

Fortunato	Maria	Rita	Joana
Daniel	Francisco	Alcindo	Emiliano
Mario	Alberto	Lidia	Dilio

Família

	Nha Chica de Beta	Manuel	 Firrin
Antonia	Bitim		

Família

Renato	Eugénia	Maria	Lidia
Jorgete			

Família

--	--	--	--

Lote 4

Família

Pedro (Nha Pidrim)	Maria	 Fernando	 Armando
-----------------------	-------	--	--

Família

	Nha Noca	Margarida	Lidia
Salomé	Lurdes		

Família

Manuel Luzia	Sabina	Firme	Auxiliadora
Pedro (Pidrim)			

Família

 Pa Lias	Constança	Ida	
--	-----------	-----	--

Família Silva

Venâncio		João	José
Pedro (Pinduca)	Erna	Chano	

Família

	Constança	Maria Laura	Rita
Manuel	Pepé	Margarida	Valdemiro
 Hirondina			

Família

Mateus	Nha Luiza	Antonia	Antonio
Rosinda			

Lote 5

Família Fernandes

 Gertrudes (nha Tudinha)	 Gregorio (Maninho)	 Clementina (Clamenta)	Maria Teresa
 Adérito	 Mario (Maruca)	José (Djo)	Élia
Maria da Luz	Clemente (Kalà)	João (Junzin)	

Família Lopes

Francisco Antonio (nha Chico Lai)	Antónia	 Ana	 Emilia
--------------------------------------	---------	---	---

Família

Alberto	Felipa	Elidio	Osvaldo
Maria Luiza	Francisco	Avelino	Avelina

Família Santos

	Maria Antonia (Tatanha)	Albertina	Porfíria
Antonio	 Fernando		

Família Pires

José	Maria	Adriana	Maria José
José Maria	Victorina	Hercules	Amélia
Julia	Otelinda		

Solteiros

Vitorino			

Lote 6

Família Barros

João Barros (Nha Jon Nacia)	 Maria da Cruz (Nha Tchubinha)	 Bernardino	Laura
 Albertina (Tininha)	 Cidalia	Antonio	Manuel
 João	 Julio	Francisco (Tchanga)	

Família da Cruz

	Laura	Napoleão	Maria
Francisco			

Família Rodrigues

Francisco (Nha Frank)	 Carolina (Nha Carol)	Germano	Diolinda
Filomena	Alexandre	Domingas (Minguinha)	

Família Fernandes

Antonio Fernandes	Luiza	Rosa	Elsi
Jorge	Auxiliadora		

Família Barros

 Bernardino	Joana	Evone	Esmael
Eurico	Eunizia	Felizbela	Bernardim
Napoleão			

Família Barros

	 Isilda (Maninha)	Rita	Hugo
Fortinho	 Maria da Conceição (Codjar)	Deolinda	Jorge
Lidia			

Lote 7

Família Soares

 Manuel (Lela Tchau)	Laura	 Maria de Piedade	Irineu
Rita	Estela	Elsa	João

Família Lobo

 Manuel (Mané Xinxinha)	 Rita (nha Ritinha)	 Valdemar (Vava)	 Hermenegildo (Zin)
--	--	--	--

Família Ribeiro

 Carlos (Caio)		Nérida	Carlos
--	--	--------	--------

Família

Fernando	Herminia	Maria	Jorge
Joana	Guilherme	Iolanda	Carmenzita
Heldeberto	Ticha		